Narrativas de um percurso:
do trabalho colaborativo autoral à busca de uma prática antirracista

Camila Josefa Nunes Rossato
Prof.ª Ensino Fundamental e Médio – Artes
EMEF Prof.ª Marina Melander Coutinho – DRE Capela do Socorro

RESUMO

O presente artigo pretende investigar a trajetória docente e discente durante a realização de um projeto autoral, com temática étnico-racial intitulado "Apropriação Cultural, o racismo, a escola". O projeto foi realizado por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola municipal de São Paulo, no ano de 2019, e mediado por professor orientador. O projeto teve como premissa promover, por meio do tema escolhido, ações de intervenção social que impactassem a escola e o seu entorno. Para tal, o percurso foi fundamentado em referências teóricas sobre o assunto, tais como Silvio Almeida, Djamila Ribeiro, Rodney William, entre outros. Amparou-se também em textos e vídeos pesquisados no ciberespaço, representado por sites de notícias e vídeos de canais do YouTube e na articulação com a potencialidade do ensino da arte para pensar em uma educação que integre conhecimento, pesquisa e criação artística dos sujeitos envolvidos, destacando o trabalho de Abdias do Nascimento e o TEN - Teatro Experimental do Negro. No percurso criador, se destacou o protagonismo juvenil em diálogo com a formação dos professores, produzindo material para ser usado em sala de aula, além da continuidade nos estudos iniciados no projeto após a finalização do ano letivo de 2019.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Antirracismo; Trabalho Colaborativo de Autoria.

Introdução

Os caminhos que definem uma pesquisa têm como disparador uma pergunta, algo que nos inquiete e move a seguir adiante, de modo que busquemos relacionar pensamentos, teoria e prática. A experiência docente representa esse percurso do mistério, lugar de tecer palavras, imagens, texturas que "dependeram de cada olhar e cada movimento do corpo, de cada luz e temperatura, de cada palavra trocada, de cada desejo e de cada um dos modos de ser das pessoas em jogo" (CHRISTOV, 2012, p.159).

Assim, lecionando Arte na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, desde 2012, tive a oportunidade de mediar diferentes grupos de estudantes em situações de aula e de orientação de pesquisa. Nomeado Trabalho Colaborativo Autoral – TCA, a proposta da Secretaria Municipal de Educação - SME a ser desenvolvida no Ciclo Autoral abarca estudantes do 7º ao 9º ano. O TCA oportuniza o encontro de mestre e discípulo em uma jornada que Jacques Rancière (2002) chamaria de círculo de potência, perspectiva na qual o sujeito trilharia em conjunto com o mestre seu processo formativo, afastando-se de um sistema fragmentado de conhecimento, de espera no avanço do bimestre ou privilegiando apenas a fala do professor para o acesso de informação.

A minha experiência com orientação de TCA inicia-se em 2015, ainda com uma participação confusa e intuitiva, em uma mediação com jovens do final do ciclo (9º ano). Em 2019, começo o ano letivo na EMEF Prof.ª Marina Melander Coutinho (DRE Capela do Socorro), propondo em aula aprofundar as aproximações da pesquisa autoral e da visão do artista como pesquisador de sua obra. Com três turmas de 9º ano, enfatizo tais turmas, pois é neste ano que a escola propõe a pesquisa escrita e apresentação do projeto, os temas começam a ganhar contorno, amparados pelo intermédio da professora de Sala de Leitura.

Com os grupos formados, foi permitido que cada professor fizesse sua escolha de orientação pela afinidade com os temas e com os estudantes. E, novamente, da chance do potente encontro entre o desejo de nomear um pensamento e o desafio de partilhar desse trajeto, exemplo do que vi na inquietação da estudante Karol[1], surgiu um conceito: apropriação cultural. O interesse pelo assunto teve origem no debate gerado nas redes sociais a partir da imagem de uma influenciadora digital branca e brasileira, que fez uso de *dreadlocks*[2] e divulgou tal imagem através de postagens de fotos no mundo virtual. O ponto de partida estava estabelecido: o que é apropriação cultural e por qual motivo o assunto não é discutido na escola?

1 Usarei nomes fictícios a fim de preservar as identidades dos estudantes.

2 Penteado popularizado pelo cantor jamaicano Bob Marley e pelo movimento Rastafari, os cabelos entrelaçados de forma cilíndrica são símbolo de resistência e luta para a cultura negra.

As relações étnico-raciais no Brasil sempre atravessaram o meu trabalho em arte-educação, mas havia ali a oportunidade de construir algo que ainda não era possível dimensionar em termos de conhecimento e vínculo.

Mais tarde, descobriríamos juntos, onze estudantes e professora orientadora, que o terreno em que pisávamos precisaria ser escavado, pois encontraríamos, de um lado, o racismo estrutural e os processos de exclusão do negro e seu direito à educação; de outro lado, descobriríamos produções em diferentes linguagens da arte produzidas por artistas e autores negros, como o Teatro Experimental do Negro, sob a liderança de Abdias do Nascimento e propostas para abordagem do assunto em sala de aula.

Desse modo, o artigo tem como objetivo analisar o percurso da pesquisa de TCA intitulada "Apropriação cultural, o racismo, a escola", bem como tratar das reverberações do projeto escolar na vida dos estudantes e na formação docente.

Para isto, serão detalhadas as etapas da pesquisa; a relevância do ensino de Arte na descoberta do corpo performático, permitindo olhar para si e para o outro em suas urgências e construção de identidade; os impactos deste projeto no ambiente escolar e o acompanhamento do grupo ao término do ano letivo.

Desenvolvimento

Com o tema da pesquisa ganhando contornos mais precisos, em nossa busca pela abordagem metodológica consideramos inicialmente entender os sujeitos envolvidos neste percurso. As narrativas que constroem nosso imaginário perpassam por memórias, detalhes e experiências que definem posicionamentos e escolhas.

Reunimo-nos no mês de abril, de 2019, para a escrita coletiva relacionada aos saberes prévios sobre o conceito de apropriação cultural. Assim, Karol, Mariana e Juliana tratariam das primeiras conversas que tiveram entre elas após terem contato com o termo, ampliado pela explicação de Leila, irmã de Karol e estudante de Letras. O restante do grupo escreveria por quais motivos considerava o assunto relevante e o que já tinha descoberto por meio de textos e vídeos que circulam na internet, com destaque para a produção de conteúdo de influenciadores negros no YouTube, como Ana Paula Xongani, Gabi Oliveira e Nataly Neri.

Durante a leitura dos textos produzidos pelos estudantes, entendemos que a investigação aconteceria de maneira quantitativa e pudemos traçar alguns procedimentos para a coleta dos dados: levantamento teórico e audiovisual pertinente à temática, ressaltando a necessidade de aprofundar o entendimento quanto às características do racismo estrutural no Brasil; registros diversos das contribuições geradas nas aulas de Arte para divulgar o material produzido durante o trabalho; entrevistas e conversas com professores e estudantes a fim de analisar os norteadores da intervenção social do projeto para a comunidade escolar.

Destacamos também a importância com relação à representatividade negra no ciberespaço, tanto para a familiarização do conceito de apropriação cultural quanto para o reconhecimento identitário de cada um do grupo. Para melhor compreensão da definição de ciberespaço, é preciso explicar a cibercultura:

> *[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17).*

Aqui, temos o seguinte cenário: o ciberespaço representando o lugar onde a cibercultura se desenvolve, caso da internet, por exemplo. Neste sentido, o grupo acolheu os discursos apresentados nas plataformas digitais e, muitas vezes, ignorados pela educação escolar.

Certamente, para tramar as reminiscências das narrativas presentes no universo *ciber* não podemos negar o conhecimento produzido historicamente. A estudante Alice[3], em sua escrita inicial, lembra as marcas da colonização europeia no apagamento de "culturas com imposições e escravidão [...]. Então percebemos que a cultura afro é vista de uma forma airosa pela sociedade e ganha valor quando utilizada por uma pessoa de pele clara".

O desafio com os meios digitais foi o de encontrar vozes em meio à oferta de vídeos disponíveis em canais no *YouTube*. Os integrantes fizeram um mapeamento acerca dos criadores de conteúdo e suas produções com relação a temáticas como apropriação cultural e racismo e chegaram em nomes como os já citados no artigo.

Ficaram especialmente interessados em uma postagem de Xongani[4], datada de março de 2016, na qual a criadora de conteúdo digital responde aos comentários dos inscritos de seu canal, pontuando aquilo que considera mais nocivo quando o assunto é apropriação cultural. Xongani respondeu ao questionamento relacionado ao "reconhecimento" da beleza de uma mulher branca usando *dreadlocks* em registro fotográfico de um festival de música, enquanto, segundo a inscrita descreve, uma médica negra também usando *dreadlocks* foi recriminada, afirmando:

> *Eu acho que essa é a pior faceta da apropriação cultural. Quando a gente vê... a gente com essa luta diária de ter a nossa beleza reconhecida, de ter as nossas técnicas ancestrais reconhecidas, porque a trança é uma técnica ancestral do povo negro. E aí de um lado a gente vê uma menina não negra, com o cabelo trançado e aí sim essa beleza é valorizada. Nesse mesmo festival, tinha a Karol Conká e a MC Carol com as suas tranças com os seus cabelos naturais, "lacrando", mas não foi apontada como a mulher bonita [...] Porque a nossa beleza é silenciada. Olha como é perverso: a matéria de um não negro, falando de uma não negra, sobre a beleza dos negros (XONGANI, 2016).*

O vídeo e a fala de Xongani foram essenciais para o grupo fundamentar o objetivo principal do trabalho em "trazer para o debate escolar o conceito de apropriação cultural, considerando a cultura e os símbolos afro apropriados muitas vezes visando ao benefício próprio"[5]. Sem perder de vista as questões que se desdobram ao tratarmos deste assunto em ambiente escolar, tais como "[...] refletir e analisar

3 Trechos de textos e falas dos estudantes registradas durante a pesquisa do TCA "Apropriação cultural, o racismo, a escola" serão transcritos no artigo como forma de dialogar com a abordagem metodológica e referências.

4 Citações diretas retiradas de vídeos no YouTube terão o link de acesso nas referências.

5 Trecho do texto de TCA elaborado pelos estudantes.

questões como o racismo estrutural, a presença do negro na escola e as estratégias para a abordagem destes assuntos por alunos e professores"[6].

Sobre a definição do conceito de apropriação cultural, o grupo abordou na pesquisa escrita da seguinte maneira: "Apropriação cultural acontece quando uma pessoa ou grupo adota elementos de uma determinada cultura que não é sua, visando ao lucro ou à incorporação destes elementos em seu cotidiano desconhecendo sua importância e origem"[7].

A partir das primeiras coletas, dividimos o grupo em duplas e trios para o aprofundamento de questões que se entrelaçam com a pesquisa. Buscando outras referências para fundamentar como entendemos os mecanismos que se apropriam de valores culturais, de resistência e de fé da população negra, chegamos, por exemplo, à campanha publicitária de sapatos e acessórios que se utiliza da imagem de três atrizes brancas usando turbante. Lembrando que o significado desta indumentária para culturas como a africana e a brasileira remete, entre outras simbologias, ao respeito à ancestralidade.

Por meio de um olhar mais minucioso, chegamos aos bancos de imagens da internet. Ao digitarem no programa de busca de imagens do Google o termo "cabelos bonitos" e "cabelos feios", foram surpreendidos com associações positivas para imagens de mulheres brancas, enquanto o contrário, em associações negativas, estavam as imagens de mulheres de pele parda e retinta.

Rodney William, doutor em Ciências Sociais e babalorixá, também descoberto pelo grupo em pesquisa pela internet e autor do livro "Apropriação Cultural", parte da série "Feminismos Plurais", organizado por Djamila Ribeiro, traz um panorama sobre o assunto. Logo na apresentação do livro, feita por Ribeiro, a autora lembra a forma como os povos escravizados tiveram sua cultura e costumes aniquilados. Enfatiza também as práticas capitalistas atuais que lucram utilizando -se dos traços culturais de um povo.

Os estudantes entendem essa perspectiva como o direito à equidade de oportunidades e respeito aos significados de aspectos visíveis, da arte e dos saberes de um grupo. Conforme definem, é preciso refletir ao consumir o que está nas capas de revistas, pois os itens disponíveis para compra carregam histórias que devem ser legitimadas. Características do comportamento de um grupo, modos de pensar e agir, também são parte da cultura, portanto, é preciso também ir contra o apagamento de ideias e valores, em nome de uma globalização que privilegia condensar comportamentos.

Contudo, William pontua: "Sabemos, porém, que culturas totalmente isoladas são cada vez mais raras. Num contexto globalizado, com os meios de comunicação bem difundidos, as trocas de informações e ideias são inevitáveis" (2019, p.167).

O dinamismo cultural torna a sociedade heterogênea e passível de rupturas, transformações e conflitos, diluindo conceitos e dificultando os limites, como no caso da apropriação cultural. O autor nos dá evidências para refletir a respeito do conceito.

> *Não há apropriação cultural quando um grupo excluído ou marginalizado é forçado a assimilar traços da cultura daqueles que o dominam para sobreviver, como ocorreu durante todo processo de colonização, em especial na escravidão. Apropriação cultural é exatamente o oposto. (WILLIAM, 2019, p. 239).*

William reforça o papel do colonizador em empenhar esforços para eliminar aspectos da identidade negra para, assim, torná-la invisível, lembrando que a construção identitária se relaciona também com a cor

6 Trecho do texto de TCA elaborado pelos estudantes.

7 Trecho do texto de TCA elaborado pelos estudantes.

da pele. Isto posto, avançamos no sentido de entender os desdobramentos da apropriação cultural, além da visão superficial entre o que pode ou não pode ser usado.

Na estrutura social no Brasil, marcada pelo racismo, dificultando ou até mesmo não permitindo a circulação das produções culturais da população negra, foi imprescindível para a pesquisa desvelar as camadas do racismo estrutural, para enfim concluirmos, adiante, os motivos de abordagens étnico-raciais não chegarem de maneira efetiva na escola. Neste trajeto, a internet, mais uma vez, seria a aliada em "[...] orientar os percursos individuais no saber e [...] contribuir para o reconhecimento de saberes pertencentes às pessoas, aí incluídos os saberes não-acadêmicos" (LÉVY, 1999, p. 158).

Exploramos o conteúdo de Canais como "Quebrando o Tabu" e conhecemos o pensamento do filósofo, advogado e professor universitário Sílvio Almeida, por meio de vídeos postados na plataforma do YouTube. Com Almeida, considerado uma das principais vozes no debate atual do Brasil no que tange questões como racismo, nos deparamos com a revisão de falas do cotidiano de cunho racista, mas naturalizadas em nossas conversas diárias. Em vídeo intitulado "O que é racismo estrutural?", veiculado pela TV Boitempo, em setembro de 2016, Almeida afirma:

> *Compreender o racismo implica que a gente deve entender o racismo não como um fenômeno conjuntural, porque fosse o racismo um fenômeno conjuntural [...] fosse um fenômeno, uma anomalia, a gente normalmente trata o racismo como patologia social, ou como uma patologia mesmo, atribuindo aqueles que são racistas, algum tipo de problema intelectual, mental, ou mesmo de caráter, enfim... a gente costuma tratar o racismo como uma anormalidade. O que a noção de racismo estrutural coloca é que o racismo não é algo anormal, é algo normal. Normal no sentido de que, não de que a gente deva aceitar, mas que o racismo, independente da gente aceitar ou não, ele constitui as relações no seu padrão de normalidade (ALMEIDA, 2016).*

Sílvio Almeida segue exemplificando como o racismo está estruturado nas relações sociais, demonstrando que as normas estabelecidas em diferentes esferas da sociedade "produzem as condições de desigualdades", que colocam a população negra em situações de vulnerabilidade. E com o agravante de não causar espanto à maioria das pessoas brancas, pois há uma naturalização provocada por um histórico de apagamento da identidade negra, compreendendo desta forma que espaços privilegiados sejam ocupados por brancos, sem que exista uma problematização do assunto.

Impactados pelo material visto, descobriram ainda que na manifestação de práticas conscientes e inconscientes, o racismo estrutural também se manifesta. Desta forma, procuraram os significados de expressões como "negrito", "ovelha negra" e "denegrir", para, enfim, perceberem a presença do racismo nas repetições que reproduzimos em falas cotidianas.

Com material tão potente em mãos, o fazer artístico e as linguagens da arte entram em cena. Se o TCA tem a premissa de dialogar com a comunidade escolar, trazendo também ações práticas de intervenção social, demos ênfase para "[...] tornar-se coisa pública, interpretação do mundo e possibilidade de participação nele", em que "a diversidade, o respeito às minorias, o tratamento da liberdade e da justiça são as bases do olhar curricular [...]" (SÃO PAULO, 2014, p 13). O vasto campo de possibilidades de imagens, sons e gestos trouxe atravessamentos que tornaram a experiência significativa, estética e de um "memorial duradouro" (DEWEY, 2010, p.111).

Todas as evidências da pesquisa foram tratadas nas aulas de Arte como experiência

de troca entre os diferentes grupos e temas. Desta forma, surgiam processos criativos que de alguma maneira reverberavam no percurso de escrita. As referências estéticas, vindas de distintos lugares da arte, iniciaram-se com anotações de aula, mapa visual e o estudo mais aprofundado da performance e suas particularidades.

Em sua intensa relação entre corpo e vulnerabilidade, destacamos o trabalho da artista sérvia Marina Abramović, e sua forma de conduzir a pesquisa artística. Ao se depararem com trabalhos como "A casa com a vista para o oceano", publicado em 2002, foram provocados a saírem do lugar de quem apenas contempla uma obra de arte, para investigar as intenções que levaram Abramović, durante a performance, a permanecer por dias apenas tomando água em cômodos criados dentro de uma galeria em Nova York e exposta ao olhar observador do público. De certa forma, o corpo do estudante-pesquisador já não era o mesmo do início do ano letivo, especialmente para a compreensão identitária a partir da cor da sua pele, seja entendendo privilégios, descobrindo sua negritude.

Quando tratamos de abordagens artísticas, podemos chamar de experiência estética o movimento de compreensão intelectual, aliada à apreciação e prática. Para John Dewey, "[...] O verdadeiro trabalho do artista é construir uma experiência que seja coerente na percepção ao mesmo tempo em que se mova com mudanças constantes em seu desenvolvimento" (DEWEY, 2010, p.132). Nesta visão, a qualidade singular de uma experiência poderia ser descrita da seguinte forma:

> *Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. [...] O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas, que são ênfases de suas cores variadas. Por causa da fusão contínua, não há buracos, junções mecânicas nem centros mortos quando temos uma experiência singular. Há pausas, lugares de repouso, mas eles pontuam e definem a qualidade do movimento. (DEWEY, 2010, p.111).*

O repouso descrito por Dewey não configura no encerramento da ação, pode ser entendido como um necessário momento de assimilação de informações e outras experiências que chegam de maneiras variadas para cada um e assim são disparadoras de novas situações. À medida que as propostas de Abramović se tornavam signos possíveis de serem incorporados pelos estudantes, o referencial teórico tomou a forma de roteiro para performance.

No caso do grupo mencionado no artigo, o racismo estrutural foi o ponto de partida para a criação coletiva "Poderia ser eu...", com dois materiais em especial traduzindo os princípios defendidos pelos estudantes: o videoclipe "Eminência Parda", do rapper Emicida, e o caso Bárbara Querino.

No roteiro do videoclipe, temos como tema central uma família negra reunida em um restaurante em uma noite de comemoração. Pai, mãe e dois irmãos são alvo dos olhares de reprovação dos clientes brancos frequentadores do lugar. Situações imaginadas a partir deste contexto têm o racismo estrutural como pano de fundo.

Com relação à Bárbara Querino, tiveram acesso, por meio de notícias veiculadas em sites da internet, ao caso da jovem presa e condenada pelo roubo de um automóvel na cidade de São Paulo. O crime envolveu dois homens e uma mulher identificada como sendo Bárbara. Na data do ocorrido, a moça estava no Guarujá em uma viagem a trabalho. Porém, as fotos e publicações deste dia, comprovando que Bárbara não tinha envolvimento com o roubo, foram ignoradas e a jovem foi mantida presa por um ano e oito meses. Fundamental ressaltar que Bárbara foi "reconhecida" pela vítima, por conta de seus cabelos cacheados que se assemelhariam com a mulher participante do delito. A batalha de Bárbara, seus amigos e familiares para provar sua inocência começou em 2017 e só foi encerrada agora em 2020, com sua absolvição.

Retomando o conceito de performance, com ênfase no roteiro e criação de "Poderia ser eu...", segue a definição do estudante Murilo para explicar esta linguagem da arte como sendo "o conceito onde você demonstra seu sentimento através do seu corpo, requer preparo físico e mental, pois você está desafiando a si próprio. Mas, antes de tudo, precisa ter a discussão sobre o que você irá trabalhar, pode ser uma questão em seu entorno" e os propósitos do grupo para a ação "em nossa performance, o objetivo é retratar cenas de racismo, trazendo situações que naturalizamos em nosso cotidiano. As ações performáticas foram inspiradas nas milhares de pessoas negras mortas e discriminadas por serem tratadas como uma ameaça"[8].

Os estudantes elencaram situações recorrentes e que precisam ser debatidas como práticas racistas, tais como: jovem negro acusado de roubo, mesmo sem qualquer prova; trabalhadoras domésticas insultadas pela patroa, em retrato das relações de trabalho e poder; abordagem policial quanto aos meninos negros, e o racismo presente nas relações afetivas inter-raciais. O grupo de TCA, em uma atividade diferente, preparara o corpo, a escuta e a memória, realizando jogos de improviso, nos quais exercitara a concentração e a respiração, a fim de que palavras surgissem desenhando os elementos da performance. Ocuparam primeiro o espaço da Sala de Arte, realizando a performance para os colegas de classe. Gradativamente, incorporaram reações pertinentes ao momento da ação e dialogaram com as respostas em acordo com o público/turma. O professor Imanol Aguirre definiria este entrecruzamentos de experiências estéticas e de conhecimento de modo que "não se trata de impor formas de arte supostamente refinadas a outras que cremos não sê-lo. Trata-se, pelo contrário, de tomar o enriquecimento da capacidade sensível para viver esteticamente (e eticamente)" (AGUIRRE, 2009, p.163).

Nesta integração de experiências vitais e arte, a amplitude das vozes que ecoavam durante a ação performática chegaram a novas escutas e conversas. Em uma proposta de pedagogia antirracista, é essencial entender quem são os professores e as histórias marcadas em seus corpos. Vivenciamos, em lugares e dias diferentes, a oportunidade de os adolescentes levarem a criação performática para a fruição de parte do grupo de professores da escola, durante o período de formação docente, promovido pela educação municipal de São Paulo, nomeada Jornada Especial Integral de Formação – JEIF. Após essa apresentação, os estudantes foram convidados pela professora Tatiana Novais para se apresentar na JEIF da escola em que Tatiana lecionou aulas de Arte, onde puderam dialogar com outro grupo de professores.

Com a apresentação da performance pelo grupo de estudantes, percebeu-se a tensão nos corpos docentes, o silêncio, o choro e o desejo de falar sem nada previamente programado. Fomos tomados por aquela atmosfera, na qual não eram apenas professores e estudantes, mas havia aquilo que o discurso pedagógico propaga sem muitas vezes realizar: democracia, construção de conhecimento significativo e horizontalidade nas relações. Ali se configurava a experiência consumatória, aquela que Dewey considera propulsora para constantes realizações e que não se encerra ao fim de uma aula ou projeto, "[...] Porque a vida não é uma marcha ou fluxo uniforme [...]" (DEWEY, 2010, p. 110).

Certos de que havíamos adentrado terreno fértil de exploração, estávamos atentos aos próximos indícios de pesquisa. A professora Tatiana trouxe a aproximação para a biografia de Abdias do Nascimento e o Teatro Experimental do Negro. Iniciado no Rio de Janeiro em 1944, com o objetivo de dar visibilidade a pessoas negras utilizando a educação, a arte e a cultura. Nascimento ultrapassou os limites da criação artística,

8 Trechos do texto do Trabalho Colaborativo Autoral do grupo.

atrelando ao grupo teatral ações de alfabetização de seu elenco, por exemplo.

Simultaneamente, o grupo de TCA demandou a conversa com professores negros, elaborando entrevistas registradas em vídeo e o aprofundamento de aspectos sobre inserção da população negra na educação brasileira. Acessaram dados relacionados à participação e à permanência do povo negro no sistema de educação por meio da publicação "História da Educação do Negro e outras histórias", destacando o Decreto nº 1.331, de fevereiro de 1854, que não permitia que negros escravizados frequentassem escolas públicas do país. Para frequentar aulas no período noturno, dependiam da "boa vontade" de seus senhores, e de suas condições físicas depois de um dia ou até mesmo noites de árduo trabalho, o que também continuava a dificultar o acesso às escolas.

O grupo notou na leitura de documentos acerca do acesso e da permanência na escola, amparados por dados fornecidos pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a pouca mobilidade social no pós-abolição e nas práticas excludentes ainda perpetuadas nos espaços escolares. Tais dados estão disponíveis no site "todospelaeducacao.org.br", em publicação de uma matéria, de 2018, relacionada à desigualdade racial na educação brasileira. Nesta publicação, é salientada, por exemplo, a situação dos estudantes do Ensino Médio, afirmando que 76% dos jovens brancos estão matriculados no Ensino Médio, enquanto esse número cai para 62% entre a população negra. Os indicadores da educação confirmam questões estruturais tão amplamente tratadas por Almeida.

Nunca é excessivo lembrar:

> *O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica da sociedade. Porém o uso do termo "estrutura" não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações políticas sejam inúteis [...]. O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. (ALMEIDA, 2019, p. 454).*

Mais do que interpretar dados, olhar para si e para o entorno trouxe a defesa de políticas afirmativas, como as cotas raciais em universidades e concursos públicos. Também houve a "descoberta" da Lei nº 10.639/03, prevendo a obrigatoriedade de conteúdos sobre a história e a cultura afro-brasileira nas escolas de Educação Básica. Como é preciso tomar iniciativas para criar projetos que coloquem em pauta o combate ao racismo, voltemos ao TEN, as vozes dos professores e à elaboração de materiais didáticos.

Encarar a câmera e narrar a própria vida, deixando de lado a fala pedagógica, a centralização do conhecimento, trazendo o corpo, a pele, o desvio do olhar quando a pergunta afeta pontos sensíveis, ora revelando fragilidades, ora reafirmando a força interna. É certo afirmar que os entrevistadores e entrevistados seguiram a lógica do *mestre ignorante*, "[..] aquele que, de fato, não sabe mais do que seu aluno, que jamais fez a viagem antes dele [...]" (RANCIÈRE, 2002, p. 41).

O grupo estava confortável em "assumir" o lugar do mestre e, sem formalidades ou a rigidez das hierarquias, propôs a elaboração de um plano de aula com enfoque na trajetória de Abdias do Nascimento e o TEN. Fizeram um apanhado de possíveis materiais encontrados na literatura, em filmes, séries e vídeos para serem abordados em sala de aula.

No plano de ensino, consideraram a relevância da biografia de Abdias, não somente como uma sequência de acontecimentos, mas com a profundidade de sua militância política e o

desejo em dar protagonismo para homens e mulheres comumente invisibilizados. Ruth de Souza (1921-2019), atriz de teatro, TV e cinema, relembra, em entrevista para material em vídeo da exposição no Itaú Cultural (2016): "Ocupação – Abdias Nascimento", o início de sua carreira revelada no TEN. Em 1945, Ruth vê pela televisão um chamado para a seleção de elenco para o teatro negro. Tinha 17 anos e teve a oportunidade de estrear com o TEN em maio do mesmo ano, no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, como única mulher na peça "Imperador Jones": Ruth declarou: "Mas eu só fiz pequenas cenas, de poucas falas, mas estreei no Municipal". Seria a primeira negra a atuar no Teatro Municipal.

Em um dos objetivos do plano de aula, consta a proposta de "vivenciar na prática o Teatro Experimental do Negro", que é uma pista educativa para estimular criações de valorização das narrativas dos sujeitos da aprendizagem em materiais curriculares conectados aos repertórios de vida daqueles que frequentam a escola, sem temer a abordagem quanto ao racismo, pois, ao transbordarem suas dores no processo criativo, permitem a construção de práticas efetivamente antirracistas.

Em tópico que chamamos na pesquisa escrita de "Outros caminhos", o grupo separou por classificação etária, linguagem e gênero, diversas possibilidades de potenciais materiais educativos. Tiveram contato com o então recém-lançado livro "Pequeno Manual Antirracista", de Djamila Ribeiro. Em mais uma demonstração de experiência sempre renovada, extraímos frases que dão títulos aos capítulos do livro para estamparmos nas camisetas escolares usadas no dia da apresentação do trabalho por mestre e discípulos.

Se podemos definir em consonância com o professor Jorge Larrosa que (2002, p. 24), "[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura", seguimos assim, procurando brechas para manter o par experiência/sentido concretizado, mas não finalizado. Como na exibição do projeto, que em sua abertura para o público escolar, em uma manhã de novembro, ecoou nas vozes dos integrantes do grupo o canto "Ponto de Preto Velho – Esperança Para um Novo Amanhecer", anunciando a chegada de um tempo que diz: sejamos todos antirracistas (RIBEIRO, 2019).

Considerações e conclusão

O desafio ao conceber um projeto é perceber se o problema indicado em sua justificativa está, de alguma maneira, se realizando na prática. Esse é um caminho para além de acreditar em sua relevância, em termos de escrita e associação de referências. É preciso torná-lo parte das vidas afetadas e, assim, potencializar o seu papel multiplicador. A jornada de mediação do TCA "Apropriação Cultural, o racismo e a escola" foi um caminhar para dentro de si, em imagens de uma história contada a contrapelo (BENJAMIN,1987), uma junção de narrativas escritas e imagéticas de cronistas que decidiram dar protagonismo ao ponto de vista do oprimido, reescrevendo a história oficial.

Para a mobilização em superar o discurso tecido com o auxílio de pensadores e acontecimentos, estabeleceu-se como dever o compromisso na continuidade dos estudos, tanto do ponto de vista da formação docente quanto de permanecer acompanhando a construção dos saberes daqueles dispostos durante quase todo ano letivo a rever valo-

res e aprendizados enraizados na vida social e na cultura escolar.

Nas considerações do TCA, o grupo desafia a escola a promover a articulação dos materiais produzidos em abordagens efetivas de uma pedagogia antirracista, na qual todos os avanços nesse sentido deverão ser observados e registrados para análise posterior. Com relação aos estudantes, o exercício é o de interação, escuta e algumas proposições. Mantivemos o canal de comunicação, via grupo no whatsapp, lugar de fomentar debates, compartilhar materiais e elaborar momentos de partilhas e aprofundamentos. Realizamos, em 2020, professora e alguns integrantes do grupo, um curso no formato a distância, organizado pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), com tema "Educação Antirracismo", ministrado pela historiadora Suzane Jardim.

Em um contexto de isolamento social, também optamos por encontros via aplicativo de chamada de vídeo, para conseguirmos falar de nossas leituras e notícias que circulam a respeito da luta no combate ao racismo no Brasil e no mundo. O investimento nestas proposições vai ao encontro da compreensão quanto ao comportamento juvenil e sua capacidade de tramar nas representações oriundas de diferentes espaços de conhecimento seus ideais de vida individual e coletiva.

Atualmente, estes jovens cursam o 2º ano do Ensino Médio e ainda estão interessados pelo que construíram durante o projeto, atestando a densidade do que foi "gravado" na experiência corpo e pesquisa. Exercem papel vigilante quanto à cultura que consomem e isso envolve escolhas artísticas e audiovisuais. As escolhas não são aleatórias e, para ficar no exemplo da literatura, leem Machado de Assis, Chimamanda Ngozi Adichie, James Baldwin, Carolina Maria de Jesus, entre outros. Estar em contato com suas atuais e futuras leituras e produções é fundamental para a revisão de planos de ensino e para a condução da abordagem étnico-racial com as turmas mais recentes de Ensino Fundamental II.

Acompanhar a maturação nestes comportamentos no que tange a ser e estar no mundo de maneira consciente, coloca o professor em estado de alerta, em querer ser alimentado constantemente de novos imaginários e romper com ultrapassadas estruturas escolares. Pode ser em uma conversa virtual, na escolha de imagens que ilustram um conteúdo, no questionamento de afirmações sobre a escravidão, apropriação cultural, racismo estrutural ou representatividade, mas, principalmente, em exercer a escuta ativa para as vozes que estão no interior da escola e guardam memórias que conduzem suas posturas pessoais e profissionais.

Referências

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural** São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. Edição Kindle.

ALMEIDA, S. O que é racismo estrutural? Silvio de Almeida. 1 vídeo (10 min). Publicado pela TV Boitempo, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU. Acesso em: 7 jun. 2020.

AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a educação artística. In: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo (org.). **Educação da cultura visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009. p. 157-186.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (org.). **Narrativas de educadores:** mistérios, metáforas e sentidos. São Paulo: Porto de Idéias, 2012.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

O TEATRO Experimental do Negro: ocupação Abdias Nascimento. 1 vídeo (18 min). Salvador; Rio de Janeiro, ago./set. 2016. Depoimentos gravados para a Ocupação Abdias Nascimento. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8SlG0UDCdeQ. Acesso em: 11 jun. 2020.

PORFÍRIO, Francisco. **Cotas raciais.** Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/educacao/sistema-cotas-racial.htm. Acesso em: 20 out. 2021.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROMÃO, Jeruse (org). **História da educação do negro e outras histórias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (Coleção Educação para Todos). Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Plano de navegação do autor:** caderno do professor. São Paulo: SME/DOT, 2014.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Obstáculos no caminho:** desigualdade racial na educação brasileira. Todos pela educação, 2021. Disponível em https://todospelaeducacao.org.br/noticias/obstaculos-no-caminho-desigualdade-racial-na-educacao-brasileira/. Acesso em: 20 jun. 2021.

XONGANI, Ana Paula. **Xongani responde:** inspiração, dreads, empreendedorismo, apropriação cultural... 2016. 1 vídeo (11min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RQVMoIDoeR0. Acesso em: 25 maio 2020.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural.** São Paulo: Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).